

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS**

**CAMPUS PALMAS**

**CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM LETRAS**

**KÉZIA SANTOS VIEIRA CARVALHO**

**A EXALTAÇÃO DO INDÍGENA BRASILEIRO ATRAVÉS DA LINGUAGEM DE “O  
GUARANI”**

**PALMAS**

**2017**

**Kézia Santos Vieira Carvalho**

**A EXALTAÇÃO DO INDÍGENA BRASILEIRA ATRAVÉS DA LINGUAGEM DE “O  
GUARANI”**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à coordenação do curso  
de letras no Instituto Federal do  
Tocantins - Campus Palmas, como  
exigência para obtenção de grau  
licenciatura em letras.

Orientadora: Prof. Dra. Sylmara  
Barreira

**PALMAS**

**2017**

KÉZIA SANTOS VIEIRA CARVALHO

**A EXALTAÇÃO DO INDÍGENA BRASILEIRO ATRAVÉS DA LINGUAGEM DE “O  
GUARANI”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras do Instituto Federal do  
Tocantins - Campus Palmas, como exigência para  
obtenção de grau em Licenciatura em Letras.

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA AVALIADORA**

---

Dra. Sylmara Barreira

IFTO - Campus Palmas

---

Dra. Nahete Alcântara Silva

IFTO - Campus Palmas

---

Dr. Rivadavia Porto Cavalcante

IFTO - Campus Palmas

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me dado essa oportunidade de estudar e de desenvolver este trabalho.

Agradeço à minha família e parentes, por quererem o melhor para mim e estarem sempre ao meu lado.

Agradeço à professora Sylmara por ter me orientado neste trabalho. Ela é um exemplo para mim.

Enfim, agradeço a você que irá ler este Trabalho de Conclusão de Curso. Que possa servir como base para outro trabalho relacionado ao tema aqui abordado.

**Dedico este trabalho à minha família, a base de tudo.**

**Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque tivesse tratado assuntos nossos. Há o modo de ser e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das coisas.**

**Machado de Assis**

## **Resumo**

O presente trabalho objetivou estudar e demonstrar como o indígena brasileiro foi dignificado através da linguagem de José de Alencar e tornou-se um exemplo do nacionalismo brasileiro, uma figura mitológica. Procurou-se identificar a razão da escolha do indígena como o herói nacional e, através da revisão bibliográfica, demonstrar que na literatura brasileira, o Indianismo corresponde a uma das tendências literárias mais marcantes do período romântico. Examinou-se as características românticas existentes na obra de Alencar “O Guarani” que, através do contexto descritivo da natureza brasileira, idealizou o habitante primeiro da nova terra. Procurou-se, ainda, mostrar que o índio foi considerado o “bom selvagem”, símbolo da inocência e pureza. Como aporte teórico foram estudados os autores Moisés (2012), Coutinho (1969), Bosi (2013), Sodré (1951) entre outros. Este trabalho procurou asseverar que o índio, elemento nativista, foi enaltecido por Alencar, intérprete fiel do nosso Romantismo nacionalista e, portanto, digno de sua importância literária.

Palavras-chave: Romantismo. Alencar. Indígena

## **Abstract**

This work intended to study and show how the Brazilian Indian was dignified through the language of José de Alencar and became an example of the Brazilian nationalism, a mythological character. It was sought to identify the reason why the Indian was chosen as the national hero and, through the bibliographic review, to demonstrate that in the Brazilian literature, the Indianism corresponds to one of most remarkable tendencies of the Romantic Period. The romantic characteristics that prevail in Alencar's work "O Guarani" were analyzed. Through the descriptive context of the Brazilian nature, the author glorified the first inhabitant of the new land. It was also pursued to demonstrate that the Indian was considered the "noble savage", a symbol of innocence and purity. As the theoretical approach, there have been studied the authors Moisés (2012) Coutinho (1969), Bosi (2013), Sodré (1951), among others. This research tried to assert that the Indian, a nativist element, was praised by Alencar, the true interpreter of our Romanticism and, therefore, worth of his literary importance.

Keywords: Romanticism. Alencar. Indian.

## SUMÁRIO

|                                                                                              |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b>                                                                         | <b>10</b> |
| <b>2. O CONTEXTO DA OBRA E A LINGUAGEM DE ALENCAR</b>                                        | <b>12</b> |
| 2.1 O Romantismo                                                                             | 12        |
| 2.2 O nacionalismo na Literatura Brasileira                                                  | 16        |
| 2.3 Alfredo Bosi e o nacionalismo na época romântica                                         | 17        |
| 2.4 As ideias de Antônio Cândido a respeito do nacionalismo no romantismo brasileiro         | 19        |
| 2.5 O índio na literatura romântica brasileira                                               | 19        |
| 2.6 O Indianismo como a expressão do nacionalismo                                            | 21        |
| 2.7 A obra “O Guarani”: o nacionalismo, a linguagem e o mito                                 | 23        |
| 2.8 A linguagem de José de Alencar e valorização do indígena brasileiro na obra “O Guarani”. | 27        |
| <b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                               | <b>38</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                           | <b>42</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura é a arte de se tecer com as palavras. Ainda pode-se colocar que a literatura, assim como a língua que ela utiliza, é um modo de comunicação e de interação social. Ela cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade, com seu contexto, seus habitantes, seus costumes.

Está, ainda, vinculada à sociedade em que se origina, assim como todo tipo de arte, pois o artista não consegue ser indiferente à realidade. Ela o lidera, convence-o, emociona-o.

Uma das principais funções da literatura é contribuir para o desenvolvimento do leitor, provocando reflexões, sentimentos, embate de opiniões. O importante é que haja um diálogo entre obra e leitor, que ele procure desvendar os vários caminhos existentes na obra e funções por eles fascinado.

Segundo Coutinho (1969),

A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, porque através de suas obras, o autor transmite seus sentimentos, as suas ideias do mundo, o avanço do mundo, o progresso que o impulsiona, levando seu leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posição perante a realidade. Sendo assim, a literatura auxilia no processo de transformação social. (COUTINHO, 1969, p.36)

Ela também pode assumir formas de crítica à realidade circundante e de denúncia social, transformando-se em uma literatura engajada, servindo a uma causa político-ideológica.

Podemos dizer que o texto literário conduz o leitor a mundos imaginários, causando prazer aos sentidos e à sensibilidade do homem.

Este trabalho de pesquisa originou-se do prazer em se estudar literatura. A importância de se ler obras de autores brasileiros não é meramente o de se conhecer as histórias; é mudar nossa maneira de ver o mundo com nossos olhos. É olhar para o nosso mundo através dos olhos deles.

No contexto macro da Literatura Brasileira, optou-se por escolher uma obra indigenista para melhor compreender a figura do primeiro habitante do Brasil e como ele era descrito nas obras do Romantismo Brasileiro. O autor José de Alencar foi escolhido por ser eclético e por ter escrito três obras indianistas: Ubirajara, Iracema e O Guarani. A obra “O Guarani” foi selecionada dentre essas três.

Afrânio Coutinho, crítico literário de fama internacional, considera Alencar um autor que se adaptou aos novos tempos e, por isso, o estudo de uma de suas obras tornou-se um objeto de pesquisa interessante e relevante.

Coutinho (1969) explana Alencar:

Assim, uma literatura surge sempre onde há um povo que vive e sente. É função de seu espírito peculiar. Com efeito, por maiores que hajam sido os laços de subordinação às vezes procurada por muitos escritores que porfiavam em considerar-se portugueses, não há como pretender disfarçar a “novidade” do que no Brasil se produziu desde o início, quando a imaginação do homem novo passou a construir suas imagens em termos da nova realidade. (COUTINHO, 1969, p. 45)

Considerando o autor e suas obras, escolheu-se como objeto de pesquisa a exaltação da figura do índio na obra “O Guarani”. A escolha do tema justificou-se pela importância que o índio tem na origem da raça brasileira. O objetivo geral da pesquisa foi demonstrar a dignidade do primeiro habitante do Brasil, através da linguagem usada por José de Alencar. De maneira específica, promoveu-se a identificação de trechos da obra em que Alencar, como o primeiro dos nossos romancistas, descreve elegantemente o indígena. O autor usa uma forma original e abasileirada de escrever o português e alcançou posição de destaque na literatura brasileira.

Considerou-se relevante a escolha da obra “O Guarani”, selecionada da obra geral de Alencar, colocada sempre no domínio das paixões, onde a condição humana é uma força constante e representa mais que um tipo.

O contexto da obra é o Brasil do século XIX e foi marcante no ano em que foi escrita, porque José de Alencar, ao criar a história, trouxe à baila, além da importância do indígena na formação do brasileiro, uma polêmica social que era a não aceitação da miscigenação racial. José de Alencar sabia que haveria um estranhamento entre o leitor e o romance e fez com que o leitor gostasse da produção, da construção do personagem Peri. O autor cearense idealizou o índio com algumas características portuguesas, e, com isso, a autenticidade ficou resvalada. Mesmo assim, os leitores gostaram da obra e da figura do indígena e aceitaram-no como descrito.

Outra justificativa para a escolha do tema foi provocada pelo fato de o indígena brasileiro ter pouca relevância na literatura. Isso desencadeou uma reflexão acerca da importância das origens do povo brasileiro, mestiço de várias raças. Hoje o indígena só recebe atenção quando luta por suas terras e sua cultura. Poucos livros didáticos valorizam o indígena e, quando o fazem, são raros os elogios. O indígena é, infelizmente, considerado um pária na sociedade, um brasileiro em extinção. Muitos leitores, ao lerem uma obra, buscam o conteúdo, mas não refletem sobre a razão pela

qual o autor fez suas escolhas linguísticas. Na obra em estudo, tais escolhas de deram com o objetivo de engrandecer a figura no indígena.

Escolheu-se o referencial teórico que melhor validasse a proposta de estudo, com informações, críticas e pontos de vista. Os autores escolhidos como Coutinho (1969), Moisés (2012), Bosi (2013), Cândido (2004) e Sodré (1951) entre outros, deram o aporte necessário para o alcance dos objetivos propostos.

## **2. O contexto da obra e a linguagem de Alencar.**

Por meio de um enredo simples e usando um universalismo estético, José Martiniano de Alencar criou “O Guarani”, com imaginação, sensibilidade lírica, grandeza estética, uma obra que se pode dizer, pedagógica, integrando o homem à natureza, mostrando um nacionalismo que não se pode chamar de exacerbado.

Alencar desenvolveu sua obra com um teor literário que sempre mereceu apreço, principalmente em relação ao seu meio e sua época.

Com a finalidade de situar o romance “O Guarani”, faz-se necessário contextualizar a época literária.

### **2.1 O Romantismo**

O Romantismo foi um movimento que surgiu na Alemanha por volta de 1800, conquistou a Inglaterra e, a partir de 1820, a França; depois, todas as literaturas europeias e americanas; e acabou nas tempestades das revoluções de 1848.

O marco inicial do Romantismo brasileiro é a publicação do livro de poemas *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836, apenas 14 anos após a Independência do Brasil, em 1822. A prosa romântica surgiu com “A Moreninha”. Um movimento literário que valorizava o nacionalismo e a liberdade ajustava-se plenamente ao espírito de um país que acabava de se tornar uma nação, rompendo com o domínio colonial. Essa nova escola literária privilegiava a imaginação, a liberdade de criação e a emoção. É com ela que surgem as primeiras produções de caráter regionalista. A preocupação com os problemas sociais, como a luta abolicionista, e a análise dos costumes também são características do Romantismo brasileiro.

Entre 1833 e 1836, um grupo de jovens estudantes brasileiros que moravam em Paris, sob o comando de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879), iniciou um processo de

renovação das letras. Os estudantes estavam influenciados por Almeida Garrett e pela leitura dos românticos franceses.

Em 1836, fundaram em Paris a Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes, cujos dois números trouxeram como epígrafe: "Tudo pelo Brasil e para o Brasil".

Nesse ano, Gonçalves de Magalhães publicou *Suspiros Poéticos e Saudades*. Do ponto de vista literário, a obra é medíocre, mas é considerada um marco do Romantismo brasileiro. Além disso, transformou seu autor no porta-voz oficial do nacionalismo literário fomentado pelo imperador D. Pedro II.

A primeira geração do Romantismo brasileiro destacou-se pela tentativa de adaptar, de maneira nacionalista, o Romantismo europeu à natureza exótica e exuberante do Brasil. A nação que surgia com a Independência buscava seus heróis formadores, os quais diferenciasssem o nosso país das origens europeias. Os primeiros românticos eram utópicos. Para criar uma nova identidade nacional, buscaram suas bases no nativismo da literatura anterior à Independência, no elogio à terra e ao homem primitivo. Inspirados em Montaigne e Rousseau, idealizavam os índios como bons selvagens, cujos valores heroicos tomavam como modelo da formação do povo brasileiro.

Consoante Moisés (2012, p. 375),

O movimento romântico é, com o da Renascença, um dos dois principais eventos da vida intelectual da Europa, em particular da sua vida literária. Da mesma forma que a Renascença havia preparado a idade clássica da literatura europeia, o Romantismo inaugura-lhe a idade moderna. O Romantismo constitui profunda e vasta revolução cultural cujos efeitos não cessaram até os nossos dias. Além das letras e das Artes, o conhecimento científico, filosófico e religioso sofreu impacto que ainda repercute na crise permanente da cultura moderna.

Moisés (2012, p.384) ainda comenta sobre o Romantismo:

Corresponde, na ordem política ao desaparecimento das oligarquias reinantes em favor das monarquias constitucionais ou das repúblicas federadas; à substituição do Absolutismo religioso, filosófico, econômico, etc., pelo Liberalismo na moral, na Arte, na política. A pirâmide social, estratificada até o século XVIII, entroniza no ápice uma classe nova, fundada na ética do dinheiro – a burguesia – em lugar da aristocracia de sangue, organizada à luz da herança e dos privilégios vinculados.

Garrett (2012) fez sua análise a respeito do Romantismo:

“Em oposição à objetividade, ao racionalismo e à retomada dos valores clássicos do Arcadismo, o Romantismo foi um movimento marcado pela por subjetividade, valorização das emoções, idealismo, individualismo, busca da liberdade de criação, espiritualidade, valorização do passado e nacionalismo... Nascido no contexto histórico da revolução francesa, o Romantismo teve início na Europa em um momento em que, em razão da falência dos impérios feudais, o poder passava das mãos da nobreza para as

da burguesia. A ascensão da classe burguesa provocou então uma alteração no público consumidor de literatura, que se tornou mais popular. Assim surgiram os primeiros folhetins nos jornais, constituídos de uma literatura extremamente sentimentalista, com o intuito de atrair leitores” (GARRETT, 2012: p. 9).

Massaud Moisés expõe a ideia de Paul Van Tieghem (1948)

“O movimento romântico é, com o da renascença, um dos dois principais eventos da vida intelectual da Europa, em particular da sua vida literária. Da mesma forma que a Renascença havia preparado a idade clássica da literatura europeia, o Romantismo inaugura-lhe a idade moderna”. (VAN TIEGHEM apud MOISÉS) 1948, p.375)

É uma comparação que o autor faz entre o Romantismo e o Renascimento, e podemos ver a importância deles até hoje no nosso meio literário. Sendo assim:

“O Romantismo constitui profunda e vasta revolução cultural cujos efeitos não cessaram até os nossos dias. Além das letras e das Artes, o conhecimento científico, filosófico e religioso sofreu um impacto que ainda repercute na crise permanente da cultura moderna.”

Com essa longa permanência cronológica do Romantismo, há várias tendências interligadas que provocam uma questão: Como conceituar o Romantismo?

Para Paul Van Tieghem (1948) citado por Massaud Moisés:

“Esse grande movimento parece tão complexo, tão heterogêneo e mesmo tão contraditório que desafia, ao ver de muitos, toda definição, ou melhor, toda qualificação ou resumo em poucas palavras”.

Para ele, as definições que ele encontrou para esse movimento (Romantismo), foram resumidíssimas, por ser tão complexo e por não ser homogêneo. Para ele deveria expor mais abertamente, não ser tão resumido, ou seja, ser amplo, por ser um movimento tão grande.

Mesmo que muito tempo já tenha se passado desde as primeiras manifestações, o Romantismo continua a provocar discussões em alguns meios universitários. E uma dessas discussões é a seguinte questão: “houve um ou mais Romantismos?”.

Para alguns, como Arthur O. Lovejoy (1965) obra de Massaud Moisés, o vocábulo “romântico” não é uma palavra que signifique tudo, mas tem que se olhar a pluralidade, pois para ele, o Romantismo de um país pode não ter nada em comum com o de outro, não há como se assemelharem e, sendo assim, todos os eventos devem ser definidos em termos específicos.

Para René Wellek (1965), autor citado por Massaud Moisés, “A maioria dos movimentos românticos forma uma unidade de teorias, filosofias e estilo, os quais, por sua vez, integram um coerente grupo de ideias implicadas entre si”. (WELLEK, apud MOISÉS,

Já para Massaud Moisés, essas duas definições se completam mais do que se excluem, pois:

“É certo que cada país afeiçoou o Romantismo às suas peculiaridades étnicas, históricas, geográficas, etc., mas também é verdade que um denominador comum solidariza, ao menos no aspecto fundamental, as várias modalidades regionais do movimento”. (MOISÉS, 2012, p. 377)

Podemos perceber essas especificidades em várias obras do Romantismo, como, por exemplo, a obra que está sendo estudada neste trabalho, “O Guarani” de José de Alencar conta a história da região em algumas partes do enredo, fala sobre o local em que viviam, a etnia que habitava o lugar, a natureza do entorno da fazenda, etc.

J. Guinsburg (1993), em seu livro “O Romantismo”, procura uma definição para o movimento. Segundo ele, provavelmente é uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito. E pode ser isso tudo junto e separado. Ele pode ter uma série de denominações, explicações, como em outros estilos como o Barroco, Classicismo, Maneirismo. Não basta só nessas denominações, mas o Romantismo é designado como uma emergência histórica, um evento sociocultural. O Romantismo é mais do que um fato histórico, como o autor diz:

“É o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É, pois, uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente”. E é bom lembrar que o Romantismo antecedido pelo século das luzes, pois, abandonara a visão da história, que foi mantido formalmente. (GUINSBURG, 1993, p. 141)

Segundo Otto Maria Carpeaux (apud GUINSBURG, 1993, p.157) O Romantismo, como conceito histórico, é um dos melhor definidos na história da literatura, porém, é apresentado como um dos conceitos mais vagos, mais indefinidos, em toda história da literatura. Para ele “É impossível defini-lo; pois, qualquer tentativa de definição produz antinomias sem solução”. Como exemplo disso, percebemos que para os franceses, Goethe é considerado como romântico, para os alemães, ele é o maior classicista.

O Romantismo nasceu no contexto da revolução francesa, que se iniciou na Europa, por motivo de que os impérios feudais estavam em falência e também porque o poder estava nas mãos da burguesia, ou seja, a nobreza perdia o lugar. Com isso, teve uma alteração do público consumidor de literatura, que se tornou mais popular, mais ativo, mais constante. Foi nesse momento que surgiram os folhetins nos jornais daquela época, para atrair mais leitores, mais amantes da literatura.

Houve algumas influências importantes naquela época, como por exemplo, alguns filósofos. Essas influências foram bastante relevantes para o início do movimento.

No prefácio de sua obra, Alencar cita alguns deles:

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778):

“Filósofo suíço considerado precursor do Romantismo. Responsável pela teoria do “bom selvagem”, que postulava ideias como: “o homem é bom por natureza, é a sociedade que o corrompe” e “a maioria de nossos males é obra nossa e os evitaríamos, quase todos, conservando uma forma de viver simples, uniforme e solitária que nos era prescrita pela natureza”. (Alencar, 2012.p10)

Johann Gottlieb Fichte (1762-1814)

“Filósofo alemão que afirmava que o racionalismo era apenas uma parte do intelecto, ao lado de outros aspectos, como experiência, intuição, imaginação, entre outros. Por isso a influência aos românticos”. (Alencar, 2012.p10)

Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854)

“Filósofo alemão considerado um dos mais importantes do idealismo alemão pós-kantiano. Afirmava que “o único conhecimento possível é o que a consciência tem de si própria”, assim, o único saber relevante era o autoconhecimento, ideia relacionada ao individualismo e subjetivismo dos escritores românticos”. (Alencar, 2012.p10)

A obra “O Guarani”, de José de Alencar, faz parte do primeiro momento romântico, que se desenvolveu aproximadamente entre 1836, quando se instala a moda romântica, e termina em 1853, quando Álvares de Azevedo publica “Obras Poéticas”, dando início ao segundo momento.

Em um dos livros de Alencar intitulado “Sonhos d’Ouro” ele escreve no prefácio, sobre o “período orgânico” da nossa literatura, segundo ele, dividido em três fases: a primitiva é chamada de aborígene, o segundo período é histórico, e o terceiro é infância da nossa literatura. A obra “O Guarani” faz parte da segunda, pois representa o consórcio do povo com a terra americana. E é isso que podemos perceber na análise da obra.

Em certo momento de sua trajetória como escritor, Alencar criticou “A Confederação dos Tamoios”, de Gonçalves de Magalhães, por se tratar de uma epopeia, nada nacionalista. Resolveu escrever romances indianistas, por ter a obrigação de ser coerente com sua pátria, com o habitante brasileiro.

## **2.2 O nacionalismo na Literatura Brasileira**

Na segunda metade do século XVIII, a Europa foi palco de uma renovação em todos os campos. Um novo estado de espírito se formava, em que o sentimento

se sobrepunha à razão. Era o liberalismo nascente que se expandia, provocando a Revolução Francesa (1789) e uma série de movimentos (inclusive, guerras) para eliminar o absolutismo e o abuso de poder, exigindo, acima de tudo, igualdade de direitos e justiça social.

Com isso, houve evolução na literatura, os autores procuraram uma forma de sua personalidade, com isso abandonaram toda tradição. Percebemos que há um individualismo, ou seja, a consagração do eu.

Isso mostra que o romantismo marca o ápice do desenvolvimento burguês. Desse ideal de liberdade e igualdade nasce e vibra o sentimento patriótico, na medida em que a pátria surge como desdobramento do próprio eu do artista.

### **2.3 Alfredo Bosi e o nacionalismo na época romântica**

Vários críticos literários conceituaram a ideias e características românticas. Um deles foi Alfredo Bosi.

Segundo Bosi (2013, p.144) “O romance colonial de Alencar e a poesia indianista de Gonçalves Dias nascem da aspiração de fundar um passado mítico a nobreza recente do país” com isso, percebemos o motivo de alguns autores que escreveram sobre a nacionalidade, a cultura e revelar as riquezas que temos por aqui. “De resto, Alencar, ainda fazendo” romance urbano”, contrapunha a moral do homem antigo á grosseria dos novos-ricos; e fazendo romance regionalista, a coragem do sertanejo às vilezas do citadino”.

Bosi (2013) cita algumas abordagens feitas pelo autor José de Alencar em seus romances e vemos alguns pontos do nacionalismo, questões relacionadas ao nosso país, de algumas regiões brasileiras. José Alencar foi considerado por muitos estudiosos como um autor que se dedicou a retratar a natureza brasileira e as riquezas da terra.

Ainda consoante Bosi (2013), “o Romantismo de Alencar é, no fundo, ressentido e regressivo como o de seus amados e imitados avatares, o Visconde François-René de Chateaubriand e Sir Walter Scott.” Na época ajudou a explicar algumas opções estéticas e que pode ajudar a dar um sentido na história da nossa cultura.

Na citação abaixo, vemos uns dos pontos que encontramos na obra “O Guarani” no momento em que Alencar diz sobre a dignidade, a pureza, a lealdade, a coragem que tem no herói, e que está ligada também com a natureza. É um dos

pontos, mitos primordiais que tem em algumas obras de Alencar. Como podemos perceber a seguir:

“O espelho era a visão simbólica das forças naturais. O viço da árvore, o faro do bicho, o ardor do sangue e do instinto: eis os mitos primordiais que valerão, no código de Alencar, pureza lealdade, coragem”. (Bosi, 2013. p.145)

Bosi comenta sobre o reconhecimento que Alencar tem pelo selo da nobreza; não somente por esse selo, mas também, pelos colonizados brancos, como veremos a seguir:

“Tanto nos romances nativistas (O Guarani, Iracema, Ubirajara) como naqueles em que o bom selvagem se desdobra em heróis regionais (O Gaúcho, O Sertanejo), o selo da nobreza é dado pelas forças do sangue que o autor reconhece e respeita igualmente na estirpe dos colonizadores brancos. Ao heroísmo de Peri não deixa de apor a sobrançeria de Dom Antônio de Mariz e sua esposa, os castelões impávidos de O Guarani”. (BOSI, 2013.p.145)

Alfredo Bosi coloca, ainda como seria o Brasil ideal para Alencar, e um dos pontos que ele cita seria uma espécie de cenário selvagem. A seguir, ele explica como seria esse tipo de cenário:

“Trata-se de algo mais que uma simples reminiscência do tópico do paraíso perdido. O Brasil ideal de Alencar seria uma espécie de cenário selvagem onde, expulsos os portugueses, reinariam capitães altivos, senhores da baração e cutelo rodeados de sertanejos e peões, livres sim, mas fiéis até a morte. Alguma coisa assim como a Europa pré-industrial, mas regenerada pela seiva da natureza americana. Outra vez, chateaubriand.” (BOSI, 2013. P. 146)

Há características brasileiras que Alencar descreve em suas obras como, por exemplo, a natureza, a ambientação da história e não só isso, mas também o perfil de mulher que aparece na obra. Isso é citado a seguir:

“Esses traços ideológicos, insistentes nos painéis coloniais e nativos, como As Minas de Prata, O Guarani e Ubirajara, afinam-se na prosa lírica de Iracema, obra-prima onde se decantam os dons de uma Alencar paisagista e pintor de “perfis de mulher” firmes e claros na sua admirável delicadeza”. (BOSI, 2013. p. 146)

Bosi comenta que nas obras de Alencar, como de qualquer outro autor, há mais a participação emotiva do que a naturalista, pois sempre há um detalhe no que está sendo descrito, não está totalmente igual ao natural, não está 100% aquilo que é para ser descrito, porque há um emocional junto com o natural. E juntos, eles se misturam, conforme se observa na citação abaixo.

“[...] Mas, descontada a intenção, Alencar, ao descrever a natureza e os ambientes internos, é tão preciso como qualquer prosador do fim do século, é claro, há mais participação emotiva no ato de descrever a natureza e os ambientes internos, é tão preciso como qualquer prosador do fim do século. É claro, há mais participação emotiva no ato de descrever no romântico que no naturalista; este não raro se compraz no puro inventário: o que não deve dar margem a juízos estereotipados como “Eça descreve melhor do que Camilo”, ou “Aluísio melhor que Alencar”. (BOSI, 2013, p. 140)

Além de Alfredo Bosi, o autor Antônio Cândido expõe suas colocações.

## **2.4 As ideias de Antônio Cândido a respeito do nacionalismo no romantismo brasileiro.**

Segundo Antônio Cândido (2004) “Nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência o nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do próprio contra o imposto.

Isso é visto em algumas obras escritas por autores brasileiros, como por exemplo, José de Alencar, que faz com que nossa nacionalidade seja conhecida, em alguns relatos escritos por ele.

Para ele “Descrever costumes, países, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata...”

Em caráter de ruptura com tudo aquilo que era “velho”, “arcaico”, a emergência de uma consciência nacional se impunha aos homens da época como tarefa para completar a obra da emancipação política.

Nesse particular o romantismo europeu vinha ao encontro daquilo que os brasileiros ansiavam no momento. Para Antônio Cândido, o casamento foi, senão perfeito, extremamente favorável, pois os anseios libertários e nacionalistas, tão ao gosto romântico, encaixavam-se facilmente ao que uma recente nação, como o Brasil, gostaria de expressar:

[...] o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e portanto a identidade, em oposição à metrópole, identificada com a tradição clássica (Cândido, 2004, p. 19)

## **2.5 O índio na literatura romântica brasileira**

Na Europa a tendência nacionalista encontrou sua realização nos romances históricos, enquanto no Brasil gerou, além dos romances históricos, o indianismo, pois é visto como nosso herói, valoroso e nobre, formador da nossa nacionalidade junto com o homem branco e o negro. Essa visão idealizadora provocou uma deformação na análise do indígena, que adquiriu contornos legendários.

O índio representa o povo americano por ser um herói, por mostra sua bravura, a força que a em si, e através da sua humildade, honestidade, paixão, e até mesmo pela bravura, mostra que ele faz o papel da sociedade burguesa que segue

seus princípios. E ao mesmo tempo em que faz parte dessa sociedade é um dos pontos que caracterizam o romantismo.

Os protagonistas das obras indianistas sempre têm como base a natureza exuberante, os autores ao escreverem inspiram-se no lugar onde iram conviver, ou seja, na floresta, no tipo da casa, faz com que saiba os gostos dos donos, e sempre há uma história que levou a ter os objetos contidos no lugar. Com isso vemos os traços de sua terra, de sua nacionalidade, a beleza das matas onde vivem.

Podemos perceber a presença dos romances históricos europeus, através do passado glorioso do personagem, o que ele fez que deixou marcado, até intitulado como o herói, faz com que seu povo tenha dignidade e que o seu povo tenha uma identidade própria. Há dois níveis quem podem comprovar influência europeia em alguns romances, como por exemplo: na definição dos símbolos dessa identidade e no meio de circulação, o folhetim. Pode ser explicado em parte o porquê os europeus exerceram influências sobre os escritores brasileiros em suas obras.

Os romances indianistas fizeram tantos sucessos, porque correspondia a expectativa do povo, do passado glorioso do herói, alguns pontos que continham na história em si, dos valores burgueses, e isso fascinava os que liam o folhetim.

Uma das obras que comoveu muitos os leitores, foi a obra “O Guarani”, publicado como folhetim nas páginas do diário do Rio de Janeiro. E alguns autores falaram sobre a recepção que as pessoas tiveram no momento em que leram o folhetim, e um desses autores foi Visconde de Taunay.

[...] o Rio de Janeiro, para assim dizer, lia O guarani e seguia comovido e enleado os amores tão puros e discretos de Ceci e Peri. [...] Quando a São Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervalo então reuniam-se muitos estudantes numa república, em que houvesse qualquer feliz assinante do Diário do Rio de Janeiro, para ouvirem, boquiabertos e sacudidos, de vez em quando, por elétrico frêmito, a leitura feita em voz alta por algum deles, que tivesse órgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciência e, pelas ruas, se viam agrupamentos em torno dos fumegantes lampiões da iluminação pública de outrora – ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor. (TAUNAY, apud ALENCAR, 2002, p.148)

Uma das preocupações de José de Alencar em sua obra foi a linguagem, que é um dos pontos importante para o projeto indianista, e em uma carta que ele escreveu ao amigo Jaguaribe, faz algumas explicações sobre como ele “moldou” a linguagem usada pelos personagens indígenas.

[...] é preciso que a língua civilizada se molde quanto possa à singeleza primitiva da língua bárbara, e não represente as imagens e pensamentos indígenas senão por ermos e frases que ao leitor pareceriam naturais na boca do selvagem. O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo como

também as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito e até as menores particularidades d sua vida. É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro; é dela que há de sair o verdadeiro poema nacional, tal como imagino. (ALENCAR, 2002. p.140).).

Para mostrar a identidade nacional brasileira, foi escolhida a floresta, ou seja, para simbolizar a natureza brasileira e é citado também o rio Paraíba. No meio dessa floresta encontra-se a casa de D. Antônio de Mariz. E o mais interessante e importante, é que mesmo com essa introdução da obra o índio é retratado como protagonista e com isso, é revelado o desejo do autor em valorizar o elemento nacional. Antes disso, os romances brasileiros só apresentavam heróis urbanos, ou seja, não houve obras em que houvesse um índio sendo herói.

José de Alencar buscou inspiração no Romantismo Europeu, para projetar as relações suserania e vassalagem que se desdobram na natureza, na submissão de Peri a D. Antônio e na devoção do índio a Cecília.

Um dos motivos para escreverem romances na Europa na Idade Média é que achavam um terreno fértil para a projeção dos ideais burgueses como: bravura, humildade, heroísmo, integridade, amor sem limites, fé. Isso vemos na obra de Alencar, quando é do o momento em que Peri demonstra o amor sem limites por Ceci: aceita o cristianismo para ficar com sua amada, relata sobre o heroísmo que ele tem e sua integridade. Com isso, vemos o romance brasileiro com algumas características do romance europeu. Mas, Alencar procurou mostrar que o nacionalismo sobrepujava os traços europeus que porventura aparecessem em sua obra.

## **2.6. O Indianismo como a expressão do nacionalismo**

Segundo Carvalho (1997), a figura do índio na Literatura brasileira remonta ao século XVI, à carta de Pero Vaz de Caminha, quando ele aparece como uma referência da *Terra Brasilis*, para fins de registro somente. Em seguida aparece novamente nas obras de Anchieta, também em O Uruguai, de Basílio da Gama, e Caramuru, de Santa Rita Durão, sem a exaltação que percebemos em O Guarani, porque isso seria a partir do Romantismo, representado especialmente pelas obras indianistas de José de Alencar e de Gonçalves Dias, como já sabemos.

Os índios não foram tratados como deveriam ser tratados pela maioria dos escritores, com o respeito que eles mereciam por ter inúmeras diferenças étnicas e culturais, mas reduzidos à condição de “índios” generalizados em uma grande categoria de homens, mulheres e crianças que escapavam aos moldes “civilizados” e

desejáveis para a época, em um Brasil profundissimamente influenciado culturalmente pela Coroa Portuguesa e pelos refinamentos europeus (KAUSS, 2010). E, em relação a isso, temos poucas obras escritas relacionadas ao indianismo em nosso país.

Para Grizoste (2013):

[...] o indianismo foi uma verdadeira declaração de amor à pátria, que tem uma visão entristecida e aformoseada da pátria tropical, e de longe o indianismo gonçalvino o mais autêntico de todos. O Índio de Gonçalves Dias não é mais autêntico do que o de Gonçalves de Magalhães ou de Norberto pelas circunstâncias de ser mais Índio, mas por ser mais poético (GRIZOSTE, 2013, p.395).

Esse olhar poético a respeito do índio comprova-se nos poemas Marabá, I-Juca Pirama, A Canção do Tamoio, O Canto do Piaga, O Gigante de Pedra e Leito de Flores Vermelhas.

No início da literatura romântica, os índios são mostrados como “os comedores de carne humana” que “só o cristianismo salvaria”. Como nessa época havia a cultura cristã, vemos na obra essa questão.

Como poderia um incrédulo como Peri morar em Paquequer? Não era cristão e alguns pensavam que era uma pessoa imunda; o interessante é que ele se torna cristão no desenrolar a história. Com o passar dos anos o indianismo virou estilo literário que tinha como objetivo buscar uma identidade nacional. E cada vez mais, nesse caso, iria se aprofundar no índio como tema, que a partir daí é bem-visto, pois é um índio idealizado e havia muitas qualidades como a coragem, honra, a força. O estilo indianista teve como principais autores Gonçalves Dias e José de Alencar, são obras nacionalistas em que são relatados costumes nacionais e que se valia da natureza e da história.

Segundo Jean Marcel C. França:

“Peri e Iracema são índios de “alma branca”; seu encontro com o colonizador só é possível porque eles têm consciência de sua inferioridade e respeitam a hierarquia quando se unem ao branco. Considerando que estamos sobre a égide de raça, Peri e Iracema não podendo “branquear o corpo, se dispõem a uma espécie de “Branqueamento cultural” e com isso se habilitam à união com o colonizador contribuindo para a formação de uma nação mestiça, que se quer cada dia mais branca”.

Nessa citação podemos ver o preconceito que a sociedade tinha com o índio, como por exemplo, índio de “alma branca”, que só os brancos tinham espaço na sociedade. E, para conviver com os brancos, o índio teria que fazer o “branqueamento cultural”, ou seja, adaptar-se aos costumes do colonizador e, com isso acontece a união entre o índio e o branco.

Os críticos literários consideram que o indianismo e o regionalismo foram formas que os autores encontraram de conferirem uma ideia de nacionalidade à literatura brasileira, pelo fato de que não havia nada mais nacional neste país do que, os que aqui sempre estiveram.

Kauss (2010) afirma que:

A bem da verdade, nossos nativos não foram tratados pela grande maioria dos literatos com o devido respeito que se mereciam por suas inúmeras diferenças étnicas e culturais, mas reduzidos à condição de “índios”, generalizados em uma grande categoria de homens, mulheres e crianças que escapavam aos moldes “civilizados” e desejáveis para a época, em um Brasil profundíssimamente influenciado culturalmente pela Coroa portuguesa e pelos refinamentos europeus (KAUSS, 2010, p.90)

Ainda, Gonçalves Dias e muitos outros poetas e escritores românticos da mesma geração eram incompreendidos pela grande massa preconceituosa que não acatava a ilegitimidade filial e os condenava às fimbrias da sociedade.

## **2.7 A obra “O Guarani”: o nacionalismo, a linguagem e o mito**

Esse romance é uma obra que exalta a cultura brasileira através do mito do “bom selvagem” no qual o índio tornou-se símbolo do homem brasileiro. Foi escrito por José de Alencar um escritor do romantismo da primeira fase do movimento literário. Porém, sua obra tem várias características do realismo que foi o movimento seguinte. José de Alencar nasceu em 01 maio de 1829 no município de Mecejana, próximo a Fortaleza. Foi influenciado pelos ideais políticos do pai, senador.

O foco narrativo da obra está em 3ª pessoa onisciente, como se pode perceber nesse trecho: *“Isabel, pobre menina, fitava sobre Álvaro os seus grandes olhos negros, cheios de amargura e tristeza; sua alma parecia coar-se naquele raio luminoso e ir curvar-se aos pés do moço”*.

Ocorreu em 1604, época da União das Coroas Ibéricas (período em que Portugal vivia sob o domínio espanhol – 1580-1640) e é relatado no livro como nesse trecho: *“D. Antônio desejava saber notícias do Rio de Janeiro e de Portugal, onde se haviam perdido todas as esperanças de uma restauração, que só teve lugar quarenta anos depois com a aclamação do duque de Bragança.”*

Os protagonistas da história são: Peri que é um índio goitacá e Cecília, uma branca de origem europeia. D. Antônio Mariz colonizador português, fiel a sua pátria – pai de Ceci – constrói uma verdadeira fortaleza no Rio de Janeiro às margens do rio

Paquequer, afluente do rio Paraíba; suas terras foram dadas por Mem de Sá pelos serviços prestados como colonizador.

Como mostra a citação abaixo:

“Aí o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pelo esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como tigre sobre a presa”.(ALENCAR, 2012)

Na casa-grande moram a sua família – composta pela mulher, d. Lauriana; o filho, d. Diogo; a filha, Cecília; a prima destes (que na verdade era meia-irmã, já que era filha de d. Antônio com uma índia), a mestiça Isabel; o fidalgo d. Álvaro, além dos homens da guarda, que não passavam, na verdade, de mercenários em busca de minas de prata, comandados pelo fiel escudeiro de d. Antônio de Mariz, Aires Gomes. Dentre esses homens, estava o vilão, Loredano.

A região, na serra dos Órgãos, era habitada pelos índios goitacás, tribo a que pertencia o guerreiro Peri, e pelos antropófagos aimorés, inimigos destes. O índio Peri surge logo no começo da trama amorosa. Ele fora o responsável por salvar Ceci e Isabel de serem esmagadas por uma avalanche de pedras, caindo logo nas graças de d. Antônio de Mariz. Peri, de certa forma, abandona a sua tribo para viver com a família portuguesa.

Cecilia era idolatrada por Peri, porém, não era somente ele que a gostava; havia outros dois homens que disputavam o coração de Ceci, eram D. Álvaro e Loredano. Esse sentimento de Loredano era mais para uma paixão ardente, o de Álvaro o sentimento era de amor de fidalgo. Apesar dele amar Ceci, Isabel o amava perdidamente. Apesar de ser uma bela morena ela se sentia inferior à sua irmã, por causa da sua mestiçagem. Em relação a isso a mãe de Cecilia a desprezava. Já no caso de Peri, ele a idolatrava, fazendo o menor de seus desejos, e que tudo que ela quisesse fosse realizado.

Loredano, ex-frade carmelita, de nome frei Ângelo di Luca, assassinara um homem e roubou-lhe o mapa, e esse mapa o levaria ao bandeirante Robério Dias. Com isso fez um plano de matar a família de Antônio Mariz, raptar Cecilia e explorar a mina. Enquanto isso não acontecia, ele se passava por homens da guarda de Antônio Mariz.

Em um certo dia, D. Diogo mata uma índia Aimoré acidentalmente na floresta. Com isso alguns índios da tribo, decidem espiar Ceci tomar banho e em

seguida planejam matá-la. Porém isso não aconteceu, pois Peri mata-o primeiro, com sua flecha. Uma das índias, vendo isso, contou para os índios da tribo o que tinha visto. Estes juram atacar a casa do fidalgo Antônio Mariz; para isso não acontecer Peri envenena-se e segue para a tribo dos aimorés. O guerreiro, sabendo da tradição do “I-Juca Pirama” (“aquele que é digno de ser morto”) lutaria sozinho contra os aimorés e morreria. Morto, seria comido pelos seus inimigos (segundo eles, comendo um guerreiro inimigo se fortaleceriam), no entanto, morreria todos, pois sua carne estava envenenada. Nessa cena, Peri provou que morreria pela sua amada. Entretanto, d. Álvaro e alguns homens conseguem retirá-lo dos aimorés com vida. Peri toma um antídoto, retirado de uma erva, eliminando o veneno.

No meio da floresta, Peri encontra d. Álvaro morto, o seu corpo é levado para casa de Antônio Mariz, e Izabel, ao ver o corpo, suicida-se e cai sobre ele.

Loredano, decide executar seu plano, porém, é descoberto, preso e condenado a morrer na fogueira, como um traidor.

Os índios aimorés resolvem atacar a casa de Antônio Mariz, O fidalgo e a família decidem morrer dentro da casa. Peri pede permissão a ele para tirar Ceci da casa, entretanto, o fidalgo se recusa, pois, o índio não era cristão, mas Peri aceita o cristianismo, recebendo o nome de Antônio. Em seguida, Peri e Ceci descem no rio Paraíba e somem no horizonte.

É importante ressaltar que, quando o vemos sumir no horizonte, temos uma representação das origens do povo brasileiro. Sendo um casal formado por uma portuguesa e por um índio, significa que eles seriam os fundadores da nação brasileira, a raiz do povo do Brasil.

Na literatura romancista, o índio é sempre lembrado por nós como o personagem de José de Alencar e o indianismo pode ser dividido em três categorias diferentes: Ubirajara, antes de ter contato com o branco; em Iracema, um branco convivendo no meio indígena; em O Guarani, o índio no cotidiano do homem branco. E sempre a figura indígena tem sido o “bom selvagem” nos romances.

Na obra vemos vários personagens históricos como por exemplo Antônio Mariz e Mem de Sá. E pode ser trabalhada como um romance histórico.

Nas primeiras palavras descritas no livro, o autor fala sobre o rio Paquequer, que atualmente por lá são grandes plantações de café, pois antigamente aqueles lugares não tinham nada, eram tipo de desertos. Veremos a descrição a seguir:

“De um dos cabeções da Serra dos Órgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.

É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito”. (Alencar, 2012. p. 21)

Em seguida ele continua falando sobre o rio Paquequer, sobre sua beleza, sua calma, sua leveza, como ele se curvava:

“Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são clamas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor”. (ALENCAR, 2012. P.21)

O autor descreve de maneira minuciosa a natureza brasileira quando escreve sobre o rio:

“Aí, o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pelo esparso pelas pontas do rochedo e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, fuge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.” (ALENCAR, 2012. p. 22)

No romance, a natureza é descrita de uma forma tão radiante, tão bela, que mostra o que há de bom em nas florestas de nosso país. No início da história é feita uma breve descrição ao redor da casa de Antônio Mariz, fidalgo português, que ficava em uma das florestas localizadas no Rio de Janeiro e são descritas as belezas desse lugar.

*“Flores agrestes das nossas matas, pequenas árvores copadas, um estendal de relvas, um fio de água, fingindo um rio e formando uma pequena cascata, tudo isto a mão do homem tinha criado no pequeno espaço com uma arte e graça admiráveis.” (ALENCAR, 2009.p16)*

Uma das formas que Alencar encontrou para mostrar ao leitor como era o lugar onde ocorreria a história foi descrevendo seu entorno, a exuberância da floresta, o lugar em que os habitantes da fazenda se banhavam, e na citação abaixo percebe-se isso:

“A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.” (Alencar, 2012. P. 22)

Alencar percorreu cada lugar, observou cada detalhe, para mostrar o quanto era belo o Brasil, um lugar cheio de alegria, e com sua narrativa, faz com que se possa observar que cada personagem se faz presente nessa natureza exuberante.

O autor, como era sua característica, demonstrava através da descrição do lugar como eram seus moradores, os fidalgos portugueses. Percebemos isso na citação abaixo:

“A sala principal, o que chamamos ordinariamente sala da frente, respirava um certo luxo que parecia impossível existir nessa época em um deserto, como era então aquele sítio.

As paredes e o teto eram caiados, mas cingidos por um largo florão de pintura a fresco; nos espaços das janelas pendiam dois retratos que representavam um fidalgo velho e dama também idosa.” (ALENCAR, 2012. p. 24)

D. Mariz era fiel à Portugal. Dizia sempre que seria fiel a sua pátria, mesmo estando nas terras do Brasil:

— aqui sou português! Aqui pode respirar à vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço. Nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás n'alma de teus filhos. Eu o juro! (ALENCAR, 2012. p. 27)

Antônio Mariz era muito cuidadoso com os seus homens, seus vassallos. Naquela época, eles tinham um maior cuidado para não serem atacados por índios:

“O fidalgo os recebia como um rico-homem que devia proteção e asilo aos seus vassallos; socorria-os em todas as suas necessidades, era estimado e respeitado por todos que vinham, confiados na sua vizinhança, estabelecer-se por esses lugares.

Deste modo, em caso de ataque dos índios, os moradores da casa do Paquequer não podiam contar senão com os seus próprios recursos; e por isso D. Antônio, como homem prático e avisado que era, havia-se premunido para qualquer ocorrência”. (ALENCAR, 2012. p. 28)

Alencar faz essa introdução para contextualizar a trama e o local em que se passa a maior parte da narração. Ainda, busca narrar a vida de Peri em meio ao povo civilizado.

O autor não só demonstra a convivência do nativo com os europeus, mas a valorização do índio no meio em que vivia.

## **2.8 A linguagem de José de Alencar e valorização do indígena brasileiro na obra “O Guarani”**

Analisando a obra de Alencar, principalmente quando ele descreve a natureza tropical, intocada, virgem, de um primitivismo puro, pode-se imaginar a influência de Rousseau, autor que norteou poetas e prosadores do mundo ocidental.

Alencar vai ainda além, sendo ufanista, procurando valorizar a terra natal e seus primeiros habitantes.

Enaltecendo a figura do indígena, ele enaltece também a natureza brasileira porque ambos são elementos naturais.

No romance “O Guarani”, observa-se a linguagem utilizada por Alencar, destacando a natureza e o indígena. Há muitos trechos em que se nota o uso de adjetivação, de descrições por vezes longas, com a intenção de colocar o índio, no caso, Peri, em perfeita harmonia com a natureza e sempre valorizado.

Nessa obra percebemos o quanto o índio era idealizado, de mente pura; era forte, rápido e belo, era submisso à sua senhora, bravo e honrado e fazia de tudo para vê-la feliz.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte, mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência. (Alencar, 2009. p. )

Nesse trecho, vemos a descrição de Peri, feita pelo autor, relatando como ele era. Isso faz com que conheçamos o seu aspecto físico também. O autor traça a figura de Peri com esmero, destacando sua beleza e, principalmente, sua força e inteligência.

“Enquanto falava, um assomo de orgulho selvagem da força e da coragem lhe brilhava os olhos negros; e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei; tinha a realeza da força.” (Alencar, 2009. p. 107).

Na citação acima, vemos o quanto o autor engradece o indígena, falando de suas qualidades, de como era seu olhar, sua força. Se pararmos para pensar, atualmente não vemos tão grandes qualidades dos índios brasileiros. O que sabemos é que eles sempre lutam pelas suas terras, seu território. E, mesmo que eles lutem, às vezes há barreiras para obterem suas terras.

Esse romance teve o intuito de valorizar o índio, mostrar a grandeza da cultura e chegar ao patamar europeu. E foi o que José de Alencar fez, não só valorizou, mas mostrou como era o Brasil, a beleza que existia no país e no próprio índio.

Em certas ocasiões, podemos perceber a agilidade de Peri, sua garra. Por exemplo, no momento em que ele prende a onça e ainda brinca com ela presa.

A força do indígena é retratada em trechos como:

“O índio sorria, vendo os esforços da fera para arrebentar as cordas que a atavam de maneira que não podia fazer um movimento, a não ser essas retorções do corpo, em que debalde se agitava. Por cautela tinha-lhe ligado até os dedos uns aos outros para priva-lhe que pudesse usar das unhas longas e retorcidas, que são a sua arma mais terrível. “ (Alencar, 2009. Pág.33)

Nesse trecho, José de Alencar exalta a força do índio, Peri, em um embate com um animal selvagem. A linguagem usada demonstra a intimidade do indígena com o meio em que vive.

Abaixo vemos o prazer do índio em ver o que ele próprio fez no meio da floresta, em seu domínio sobre animais fortes como a onça, mostrando a garra que ele tinha ao pegar certos animais, como esse citado no trecho.

“Quando o índio satisfez o prazer de contemplar o seu cativo quebrou na mata dos galhos secos de biribá, e roçando rapidamente um contra o outro, tirou fogo pelo atrito e tratou de preparar a sua caça para jantar”. (Alencar, 2009. pp.33,34).

Há outra cena em que o herói mostra seu entusiasmo. Peri exerce seu poder sobre seu ambiente natural. Alencar faz uma descrição fascinante sobre esse guerreiro, e percebemos a personalidade dele, o jeito de se vestir, a postura, e isso é descrito perfeitamente:

“Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem”. (Alencar, 2012. p. 37).

No excerto acima, José de Alencar utiliza de recursos linguísticos, de detalhamento excepcional ao destacar a figura de Peri. O uso da caracterização do indígena com o uso de substantivos e adjetivos cria uma fotografia do personagem.

Em outra cena, Alencar também oferece ao leitor uma pintura: o indígena *versus* a onça.

“Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distância e se agitava imperceptivelmente. Ali, por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol. Era uma onça enorme, de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco”. (Alencar, 2012. p. 38).

Em seguida o autor detalha a situação da onça e a consciência do índio sobre a força e segurança que ele possui.

“O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só movimento e esperava o inimigo com calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa. Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pelo e ficou imóvel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque. A cavalgada apareceu na entrada da clareira”. (ALENCAR, 2012.p.38).

Já, nessa cena, vemos a felicidade do índio em ver a onça presa.

“O índio, que ao movimento da onça acurvara ligeiramente os joelhos e apertava o forcado, endireitou-se de novo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, viu a banda que parara à sua direita. (ALENCAR, 2012. pp. 38, 39).

José de Alencar coloca ao leitor a cena em que duas forças estão frente a frente, mostrando que o indígena não se intimidava diante do perigo.

Em outro ponto da narrativa, Alencar mostra o indígena ágil e vigoroso:

“Durante um momento o índio pairou sobre o abismo, balançando-se no galho fraco que o sustinha; depois equilibrou-se e continuou essa viagem aérea com a mesma segurança e a mesma firmeza com que um velho marinheiro caminha sobre as gáveas e sobre as enxárcias”. (ALENCAR, 2012, p.66).

Atentando-se bem para a história, percebemos que Peri fazia tudo por Ceci. Fazia de tudo para realizar seus desejos, queria ver seu semblante feliz, ver seus desejos realizados. Isso demonstra seu caráter.

“Para ele essa menina, esse anho louro, de olhos azuis, representava a divindade na terra; admirá-la, fazê-la sorrir, vê-la feliz, era o seu culto; culto santo e respeitoso em que o seu coração vertia os tesouros de sentimentos e poesia que transbordavam dessa natureza virgem.” (ALENCAR, 2009, p. 61)

Alencar, em uma outra cena, também exalta a dignidade de Peri e em um certo momento, vemos isso em uma conversa entre o índio e o fidalgo. Nessa cena, percebemos a dignidade do herói. Veremos abaixo:

“- Peri - disse ele -, o que fizeste é digno de ti; o que fazes agora é de um fidalgo. Teu nobre coração pode bater sem envergonhar-se sobre o coração de um cavalheiro português. Tomo-vos a todos por testemunhas, que vistes um dia D. Antônio de Mariz apertar ao seu peito um inimigo de sua raça e de sua religião, como a seu igual em nobreza e sentimentos. (ALENCAR, 2012, p.176)

Em outro momento, vemos a dedicação de Peri sem ser escravo, ou seja, ele tudo fazia com prazer e não por ser submisso. Peri estava ali, à disposição de sua senhora, demonstrando seu amor por ela, sem medir esforços, pois para ele nada seria sacrifício. É o que vemos a seguir:

Em Peri a dedicação sobrepujava tudo; viver para sua senhora, criar em torno dela uma espécie de providência humana, era a sua vida; sacrificaria o mundo se possível fosse, contanto que pudesse, como o Noé dos índios, salva uma palmeira onde abrigar Cecília. (ALENCAR, 2012, p.202)

Na continuação desse trecho, o autor relata que, mesmo com essa dedicação, havia um porém. Uma questão que na época poderia ser impossível. No desenrolar da história, um dos personagens era contra a convivência do índio com sua família, e como já sabemos, era a mãe de Ceci, dona Lauriana, mas é apenas um ponto que, no decorrer do romance é alterado. Pode-se notar no trecho:

“Entretanto essas duas naturezas, uma filha da civilização, a outra filha da liberdade selvagem, embora separadas por distância imensa, compreendiam

- se: a sorte lhes traçara um caminho diferente; mas Deus vazara em suas almas o mesmo germe do heroísmo que nutre os grandes sentimentos. (ALENCAR, 2012, p. 202)”

Outra comprovação da lealdade do indígena acontece no momento em que ele se diz escravo de Ceci. Nesse momento ele faz alguns questionamentos à sua senhora, e ela responde desse modo:

“- Mas tu não és escravo!...- respondeu Cecília com um gesto de contrariedade-; tu és um amigo sincero e dedicado. Duas vezes me salvaste a vida; fazes impossíveis para me veres contente e satisfeita; todos os dias te arriskas a morrer por minha causa.

O índio sorriu.

- Queres que Peri faça de sua vida, senhora?

- Quero que estime sua senhora e lhe obedeça, e aprenda o que ela lhe ensinar, para ser um cavalheiro como meu irmão D. Diego e o Sr. Álvaro.

Peri abanou a cabeça.

- Olha - continuou a menina -, Ceci vai te ensinar a conhecer o Senhor do Céu e a rezar também e ler bonitas histórias. Quando souberes tudo isto, ela bordará um manto de seda para ti; terá uma espada e uma cruz no peito. Sim?” (ALENCAR, 2012, p. 204)

No prosseguimento desse diálogo, vemos a constante ligação do índio com a liberdade:

“- A planta precisa de sol para crescer; a flor precisa de água para abrir; Peri precisa de liberdade para viver.

- Mas tu serás livre; e nobre como meu pai!

- Não!... O pássaro que voa nos ares cai, se lhe quebram as asas; o peixe que nada no rio morre, se o deitam em terra; Peri será como o pássaro e como o peixe, se tu cortas as suas asas e o tiras da vida em que nasceu.” (ALENCAR, 2012, p. 204)

Peri diz que está ali só para defender Ceci, e faz uma descrição dele próprio, como pode ser observado no excerto:

“- Peri só defenderá sua senhora: não precisa de ninguém. É forte; tem como a andorinha as asas de suas flechas; como a cascavel o veneno das setas; como o tigre a força do seu braço; como a ema a velocidade de sua carreira. Só pode morrer uma vez; mas uma vida lhe basta”. (ALENCAR, 2012, p.203).

Em outro fragmento, no momento em que D. Antônio Mariz fica sabendo o que Peri estava fazendo com a onça para agradecer à sua senhora, ele faz vários elogios, relatando seu heroísmo, sua dignidade e sua dedicação. Nota-se que Alencar coloca a figura do indígena ora como herói, ora como submisso.

Neste trabalho, procurou-se mostrar, especificamente, como Alencar elevou a identidade nativista de Peri, já que era o nacionalismo que o autor fazia questão de demonstrar, uma atitude típica do Romantismo.

Eis o enaltecimento que D. Antônio Mariz demonstra:

Não há dúvida - disse D. Antônio Mariz -, na sua cega dedicação por Cecília quis fazer-lhe a vontade com risco de vida. É para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só

ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem! (ALENCAR, 2012, p. 60)

Em outra cena, vemos o sentimento que Peri tinha por Ceci. Isso é descrito em detalhes, como era próprio de Alencar, cuja linguagem este trabalho procurou destacar, mostrando como o indígena se sentia, qual era seu pensamento em relação a moça branca, sua dedicação, o desejo de fazer tudo para ver Cecília feliz.

Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter satisfação, mais para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

Ao contrário dos outros ele não estava ali nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrojava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinhasse no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante. (ALENCAR, 2012, p.68)

Alencar, recriando o mito do Bom Selvagem, mostra a dedicação e a nobreza que Peri tinha. E, isso é demonstrado no momento em que Ceci o repreendia por ele ter lutado com uma onça. Nessa ocasião, ele lhe dizia que faria tudo por ela. Ao ser perguntado se iria pegar uma nuvem quando Ceci a pedisse, ele respondeu o seguinte:

- Somente como a nuvem não é da terra e o homem não pode tocá-la, Peri morria e ia pedir ao Senhor do Céu a nuvem para dar a Ceci. (ALENCAR, 2012, p. 74)

O amor de Peri era tão grande por Ceci, que em todos os lugares aos quais ela ia com sua prima, ou ainda sozinha, ele a guardava, servia-lhe de protetor. É o que se pode notar no trecho abaixo. O selvagem foi pintado por Alencar como um personagem que mantinha sua cultura nativa, mas cujas atitudes mostravam um ser que se deixava levar pela utopia, pela emoção. Um homem primitivo e selvagem, mas bom e puro por natureza, o oposto do homem civilizado, corrompido, que o Romantismo se propôs a desvelar. O fragmento abaixo exemplifica o comentado:

Peri, com seu arco, companheiro inseparável e arma terrível na sua mão destra, sentava-se longe, à beira do rio, numa das pontas mais altas do rochedo ou no galho de alguma árvore, e não deixava ninguém aproximar-se num raio de vinte passos do lugar onde as moças se banhavam.

Quando algum aventureiro por acaso transpunha esse círculo que o índio traçava com o olhar em redor de si, Peri na posição sobranceira em que se colocara o percebia imediatamente. (ALENCAR, 2012, p.75)

A dedicação de Peri corrobora o pensamento de que o indígena de Alencar era mitificado. Alencar procurava louvar o jovem país, através da figura do jovem indígena, o brasileiro nativo.

Como exemplo disso, tem-se a atenção que Peri demonstrava à sua senhora. Para protegê-la, observava os mínimos detalhes ao seu redor; um olhar observador e rápido. Podemos observar no fragmento abaixo. A nobreza do indígena não era hereditária como a dos familiares de Cecília, mas um selo de nobreza do sangue:

Enquanto, porém o índio mantinha assim pela certeza de sua vista rápida e pela projeção das suas flechas esse círculo impenetrável para quem quer que fosse, não deixava de olhar com uma atenção escrupulosa a corrente e as margens do rio. (ALENCAR, 2012, p.76)

Essa atenção era admirada por todos, principalmente por Ceci, pois ele fazia tudo com muito amor, protegia-a dos animais que poderiam lhe causar mal ou machucar. Isso fica evidente no excerto abaixo, em que a linguagem às vezes um pouco exagerada de Alencar demonstra:

“O peixe que beijava a flor da água, e que podia ir ofender a moça; uma cobra verde inocente que se enroscava pelas folhas dos aguapés; um camaleão que se aquecia ao sol fazendo cintilar o seu prisma de cores brilhantes; um sagui branco e felpudo que se divertia a fazer caretas maliciosas suspendendo-se pela cauda ao galho de uma árvore; tudo quanto podia ir causar um susto à moça, o índio fazia fugir, se estava longe, e se estava perto, pregava o animal imóvel sobre o tronco ou sobre o chão. (ALENCAR, 2012, p.76)”.

Bosi (2006), ao comentar a visão de mito utilizada por Alencar ao tratar da nacionalidade, afirma que o viço da árvore, o olfato do animal, o instinto do selvagem são os mitos primordiais que, para Alencar, eram a representação da pureza, da lealdade e da coragem.

Alencar via o mito como um ser que, ao concentrar em si a tradição de feitos grandiosos praticados por homens que foram esquecidos, passa a ser um símbolo, um representante das virtudes mais preciosas de uma comunidade.

Quando um mito é formado, um fato histórico e real se mescla ao ficcional, ao imaginário e segue seu trajeto tornando-se uma crença. Muitas vezes os mitos não têm muita consistência, mas sua aceitação permanece.

Peri assumia essa caracterização. Como disse Alencar em sua obra, a proteção que Peri devotava à Ceci era algo difícil de ser explicado, senão pelo fato de ser o indígena fruto do estado da natureza.

Ele não se perdoaria se algo brutal ocorresse com sua idealizada senhora. Nem mesmo uma simples mágoa poderia macular Ceci.

Uma proteção, como o próprio autor diz, delicada:

“Cecília podia ser ofendida pelo tronco que a correnteza carregava, pela fruta que caía; podia assustar-se com o contato do limo julgando ser uma cobra; e

Peri não perdoaria a si mesmo a mais leve mágoa que a moça sofresse por falta de cuidado seu.

Enfim ele estendia ao redor dela uma vigilância tão constante e infatigável, uma proteção tão inteligente e delicada, que a moça podia descansar, certa de que, se sofresse alguma coisa, seria porque todo o poder do homem fora impotente para evitar". (ALENCAR, 2012, p.77).

Como o selvagem de Rousseau, amalgamado à natureza, é o oposto do fidalgo d. Mariz. Enquanto o nobre era senhor de sua casa, de suas terras, representante da metrópole, Peri era o guardião de sua cultura, das tradições, de seu habitat, guerreiro das florestas brasileiras. Cecília era a única representante do mundo cultural a conseguir se integrar à natureza, guiada por Peri.

Segundo o enredo do romance, em um certo tempo da vida de Peri, ele teve um sonho com Nossa Senhora e, por todo tempo, o rosto dela ficou em seu pensamento, sendo que em várias ocasiões, na floresta, viu Ceci e a salvou de momentos perigosos. Para ele, era Ceci que aparecia em seus sonhos. E foi nessa época que Peri começou a conviver com o povo português naquela floresta.

Nessa época a família do fidalgo Antônio Mariz, estavam passeando pelas margens do Paquequer. Em certo momento "Ceci estava perseguindo um lindo colibri, que no voo rápido iriava-se de mil cores, cintilando como o prisma de um raio solar". Depois de passar horas correndo, foi descansar e recostar-se em um cômodo de relva, sem indícios de que ocorreria alguma coisa. De repente todos ouviram um grito "IARA!" ("senhora"). Nesse momento, Antônio Mariz levanta-se e vê Peri:

"De pé, fortemente apoiado sobre a base estreita que formava a rocha, um selvagem coberto com um ligeiro saio de algodão metia o ombro a uma lasca de pedra que se desencravarara do seu alvéolo e ia rolar pela encosta.

O índio fazia um esforço supremo para sustentar o peso da laje prestes a esmagá-lo; e com o braço estendido de encontro a um galho de árvore mantinha por uma tensão violenta dos músculos o equilíbrio do corpo". (ALENCAR, 2012, pp. 121,122)

Antes da árvore cair, o fidalgo pegou sua filha e tomou -a nos braços, arrancando-a da morte. Com o passar das horas ficou ainda trêmulo e pálido, resultado do perigo que aconteceu com Ceci. Quando o pai pegou a filha em seus braços, Peri deixa a pedra girar no alto da colina até ao chão. Depois que ocorreu tudo isso, Peri foi enaltecido pela família Mariz; o encontro da natureza com a cultura acontece.

"O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e heroísmo com que ele salvara sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrara a si próprio da morte". (ALENCAR, 2012, p. 122).

Ele conhecia muito bem como eram os selvagens, conhecia o seu caráter, sua dignidade, sua generosidade e as ações positivas que eles tinham, como ele próprio fala:

“Quanto ao sentimento que ditara esse proceder, D. Antônio não se admirava; conhecia o caráter dos nossos selvagens, tão injustamente caluniados pelos historiadores; sabia que fora da guerra e da vingança eram generosos, capazes de uma ação grande e de um estímulo nobre. (ALENCAR, 2012. Pág. 122).

Nesse ponto da narrativa, Alencar coloca em Peri uma linguagem rica e poética, como o Romantismo pregava. Ao contar sua história para o fidalgo, este ficou impressionado com tudo o que o indígena disse. Ao final, Peri conta sobre o sonho que ele teve com sua senhora; antes do sonho ele a viu em uma casa da cruz e no meio do fogo, ele tinha visto a senhora dos brancos e assim a descreve:

“Era alva como a filha da lua; era bela como a garça do rio. Tinha a cor do céu nos olhos; a cor do sol nos cabelos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz. (ALENCAR, 2012, pp. 124,125) ”.

No sonho que ele teve, sua senhora apareceu triste e falou para ele que mesmo sendo um guerreiro livre, era seu escravo e a acompanharia por onde ela fosse “como a estrela grande acompanha o dia”. Depois desse sonho, Peri via sua senhora todos os dias.

Ao terminar sua narração, sobre a história de sua família, das guerras que enfrentaram, e finalmente sobre sua senhora, Cecília. O autor descreve como ele falara sobre sua tribo:

“Enquanto falava, um assomo de orgulho selvagem de força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros; e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei; tinha a realeza da força. (ALENCAR, 2012, p. 126) ”

Cecilia ria-se da cega obediência que Peri tinha por ela. Mesmo rindo, “ela tinha um átomo de vaidade que dormia no fundo do seu coração de moça”:

“Ver aquela alma selvagem, livre como as aves que planavam no ar ou como os rios que corriam na várzea; aquela natureza forte e vigorosa que fazia prodígios de força e coragem; aquela vontade indomável como a torrente que se precipita do alto da serra; prostrar-se a seus pés submissa, vencida, escrava!...”. (ALENCAR, 2012. p.136).

Nos três primeiros meses de convivência com Peri, Cecilia não tinha se acostumado ainda com ele. As vezes colocava-o para fora, gritava com ele, e sendo ele submisso a ela, obedecia triste com o que lhe ocorria:

“Entretanto a sua dedicação não se desmentia; ele acompanhava a D. Antônio de Mariz nas suas excursões, ajudava-o com a sua experiência, guiava-o aos lugares onde havia terrenos auríferos ou pedras preciosas. De volta destas expedições corria todo o dia os campos para procurar um

perfume, uma flor, um pássaro, que entregava ao fidalgo e pedia-lhe desse a Ceci, pois já não se animava a chegar-se para ela, com receio de desgostá-la". (ALENCAR, 2012, p. 140)

Em certa ocasião, Cecília ganhou de presente um bracelete de pérolas e mostrando-o a Peri, ele contemplava satisfeito de si mesmo. Ceci pergunta para Peri o que ele daria para ela para ficar mais bonita e ele mostra sua obediência à amada:

"O índio correu os olhos ao redor de si e ficou triste; podia dar a sua vida, que de nada valia; mas onde iria ele, pobre selvagem, buscar um adorno digno de sua senhora!

Cecilia teve pena do seu embaraço.

- Vai buscar uma flor que tua senhora deitará nos seus cabelos, em vez deste bracelete que ela nunca deitará no seu braço. (ALENCAR, 2012, p. 164)

Alencar procurou mostrar Peri como um ser de origem real, mas suas atitudes e feitos eram ricos de fantasia e imaginação.

Com o desenrolar da história, sabemos que Peri deixou sua tribo, sua língua e sua crença, para ficar no meio do povo civilizado; mesmo com sua mãe, as mulheres e os guerreiros pedindo para que ficasse, ele preferiu ficar com Ceci, por ver refletida nela a imagem de Nossa Senhora e resolve ficar com o povo civilizado.

No momento em que Peri diz para sua mãe que não iria embora com ela, a indígena sentiu que ia perder o filho, o orgulho de sua velhice, e vendo tudo que estava acontecendo, deixou que rolasse uma lágrima em seu rosto:

"A pobre mãe recebeu esta palavra como uma sentença irrevogável; sabia do império que exercia sobre a alma de Peri a imagem de nossa senhora, que ele tinha visto no meio de um combate e havia personificado em Cecília". (ALENCAR, 2012, p.138)

Peri passa a ser o mediador entre a cultura dos europeus e a natureza, introduzindo e acompanhando Cecília no conhecimento de si mesma e no novo lugar para onde viera viver.

A natureza, de acordo com Alencar, realiza o ideal romântico de liberdade e pureza: o herói primitivo. Alencar faz aparecer um mito e aproxima sua linguagem do poético.

No fragmento a seguir mostra-se o momento da briga entre o herói primitivo e Loredano, mostrando que Peri tinha características de um valente guerreiro:

"O italiano lívido, com o rosto contraído e os olhos imensamente dilatados, tinha ainda entre as mãos hirtas a clavina fumegante.

O índio arrancou-a e sacando a longa faca, levantou o braço para cravá-la no alto da cabeça do italiano. (ALENCAR, 2012, p.147) "

Peri, ao descobrir a farsa de Loredano e seus amigos, pensou em contar ao fidalgo, porém, não tinha provas e a confiança que ele tinha bastava para desfazer todas as tramas dos aventureiros e lutar contra o italiano. Peri pensou em várias

maneiras de destruir os três parceiros. Com isso percebemos a inteligência de Peri, como Alencar diz:

“A sua inteligência sem cultura, mas brilhante como o sol de nossa terra, vigorosa como a vegetação deste solo, guiava-o nesse raciocínio com uma lógica e uma prudência dignas do homem civilizado; previa todas as hipóteses, combinava todas as probabilidades, e preparava-se para realizar o seu plano com a certeza e a energia de ação que ninguém possuía em grau tão elevado”. (ALENCAR, 2012, p. 148).

Álvaro também admirava Peri. Em conversa que eles tiveram, Álvaro ficou admirado com o herói:

“Álvaro fitou no índio um olhar admirado. Onde é que este selvagem sem cultura aprendera a poesia simples, mas graciosa; onde bebera a delicadeza de sensibilidade que dificilmente se encontra num coração gasto pelo atrito da sociedade?

A cena que se desenrolava a seus olhos respondeu-lhe; a natureza brasileira, tão rica e brilhante, era a imagem que produzia aquele espírito virgem, como o espelho das águas reflete o azul do céu. (ALENCAR, 2012, p. 151) ”

Álvaro também apreciou a dedicação que ele tinha por Cecília; ele percebeu isso no momento em que os dois andavam às margens do Paquequer, quando Peri salva a vida de Álvaro:

“O moço recebeu confissão ingênua do índio sem o mínimo sentimento hostil; ao contrário, apreciava a dedicação que o selvagem tinha por Cecília, e ia ao ponto de amar a tudo quanto sua senhora estimava. (ALENCAR, 2012, p.152)”

Em outro momento, mais uma vez o autor relata a força de Peri:

“- Peri é um selvagem, filho das florestas; nasceu no deserto, no meio das cobras; elas conhecem Peri e o respeitam.  
O índio dizia a verdade; no meio dos campos: não havia nisto o menor perigo”. (ALENCAR, 2012. p. 163).

Em todos os excertos apresentados nesta seção, pode-se observar o modo como Alencar trabalha “O Guarani”, em termos estéticos e temáticos. O autor busca registrar uma literatura local, exótica se comparada à europeia, descrevendo as imagens da natureza e a movimentação do mito indígena.

Ele procura mudar a linguagem em virtude do contexto, transformando naturalmente a língua clássica em “brasileira”, como ele mesmo colocou:

Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independência política só por si forma sua individualidade. Mas se esses povos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vínculos políticos, opera-se, também, a separação nas ideias, nos sentimentos, nos costumes, e, portanto, na língua, que é a expressão desses fatos morais e sociais. (ALENCAR apud SANCHES, 2009)

O indígena que Alencar descreveu em sua obra é particularizado e individualizado. O escritor narra o romance em tempo cronológico, que tem um clímax quando o indígena é retratado quando do salvamento de Ceci do perigo das chamas na casa-grande da fazenda Paquequer.

Alencar utiliza uma metáfora quando uma palmeira é utilizada para que o indígena pudesse levar sua senhora entre a casa e a mata, sobre um abismo. Seria a transposição do mundo civilizado e o retorno à natureza; a fuga do perigo, da vingança dos Aimorés para um paraíso.

O romancista descreve Peri como forte, valente e inteligente:

Em Peri a dedicação sobrepujava tudo; viver para a sua senhora, criar em torno dela uma espécie de providência humana, era a sua vida; sacrificaria o mundo se possível fosse, contanto que pudesse, como o Noé dos índios, salvar uma palmeira onde abrigar Cecília. (ALENCAR, 2009. P.121)

Alencar usa sua linguagem exuberante para descrever as sensações de Ceci diante da floresta, depois de salva, e seus primeiros sentimentos positivos:

Toda a sua vida estava mudada; a desgraça tinha operado essa revolução repentina, e um outro sentimento ainda confuso ia talvez completar a transformação misteriosa da mulher. Uma flor que antes era para ela apenas uma bela forma, parecia-lhe agora uma criatura que sentia e palpitava. (ALENCAR, 2009, p.216).

O escritor mostra Peri como o introdutor de Ceci, uma europeia, ao mundo primitivo. Peri, o valente herói, consegue superar as barreiras e em um cenário de componentes naturais, Alencar insere o casal.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se neste trabalho estudar o engrandecimento da figura do indígena na obra “O Guarani”, do escritor romântico José Martiniano de Alencar, que pertenceu, sem dúvida, ao grupo de escritores cuja obra não se apaga com o tempo. Há, na produção literária de Alencar, um sentido popular que atinge o gosto dos brasileiros, um gosto por autores que primam mais pelo sentimento do que à inteligência.

O romance “O Guarani” não foi o primeiro pois, na época, Alencar já havia escrito “Cinco Minutos” e “A Viuvinha”. Porém, foi o romance indianista que alcançou o público com mais intensidade.

De acordo com Sodré (1951, p.3),

“O Rio de Janeiro inteiro lia “O Guarani” e seguia comovido e enleado os amores tão puros e discretos de Ceci e Peri e com estremecida simpatia acompanhava, no meio dos perigos e ardis dos bugres selvagens, a sorte vária e periclitante dos principais personagens do cativante romance, vazado nos moldes do indianismo de Chateaubriand, mas cujo estilo é tão caloroso, opulento, sempre terso, sem desfalecimentos e como perfumado pelas flores exóticas das nossas virgens e luxuriantes florestas”.

O mesmo crítico comenta que o sucesso de Alencar se deve também à afirmação de sentimento de independência, à ideia de emancipação política e autonomia da nação. Ainda, acrescenta:

Ele procurava a autonomia literária no sentimento da própria terra, nas suas lendas, nas suas paisagens, nas suas figuras primitivas. O indianismo foi a mais marcada corrente desse movimento nacionalizador da literatura brasileira.

Além do entusiasmo nativista, Alencar procurou criar uma linguagem tipicamente brasileira, em contraposição à portuguesa.

No romance “O Guarani”, Alencar procurou acrescentar à sua linguagem os detalhes mais sensíveis, como o perfume que impregnava a natureza que ele exaltava, a sonoridade das aves dos trópicos; tentou ligar a nova gente brasileira com o indígena, idealizando seu heroísmo.

O indianismo de Alencar não deve ser analisado como um processo antropológico, mas como processo literário, idealista, ligado estreitamente ao conteúdo do Romantismo. Foi uma demonstração profundamente brasileira, nativista, de que o Brasil tinha suas características próprias e o índio podia ser uma temática rica, forte, agressiva.

No decorrer da história do Brasil, o índio foi escravizado, violentado, dizimado. Mas sua língua permaneceu na língua portuguesa através de nomes de vegetação, animais, lendas, hábitos, alimentação, etc.

Essa junção cultural somada à miscigenação racial formam a identidade brasileira.

O indígena fez parte da literatura hispano-americana e, no Brasil, aparece desde a Carta de Caminha, alcançando um ápice na literatura do século XIX. O índio é valorizado desde a obra dos jesuítas.

Como demonstra Sodré (1951, p. 23)

Se não quisermos descer aos primeiros tempos da colonização, podemos ficar nos enciclopedistas que traduziram de uma maneira tão expressiva, do ponto de vista do confronto com a realidade, o encantamento do europeu com o índio, a tendência em torná-lo qualquer coisa feita à sua imagem e semelhança, com as suas qualidades e traços – qualidades e traços que estão presentes nos índios de Alencar-, qualidades e traços que não eram senão os que a cultura do tempo havia forjado para o homem branco europeu, e que ele generalizava ao vulgar, com benevolência, os silvícolas.

A literatura tentava sempre encontrar uma identidade própria, identidade de um país de população mestiça. Mesmo que nossos poemas épicos do século XVIII não tivessem uma temática brasileira, os nomes das obras como “O Uruguai” e “Caramuru” mostraram a presença do indígena. Era a cor local na literatura.

Para Afrânio Coutinho (1969), a identidade cultural foi sempre buscada pelos escritores brasileiros. E, nessa busca, encontraram o protagonista ideal.

Já para o crítico e historiador da literatura brasileira Antônio Cândido, no Brasil a idealização do indígena teria sido motivada por elementos político-sociais e, se observado no âmbito sociológico, houve uma tentativa de juntar os padrões europeus a uma cultura mestiça, do ponto de vista racial.

A busca do Romantismo da construção de um herói nacional e depois de alguns fracassos em alcançar esse objetivo, terminou com a idealização do indígena brasileiro. Outros elementos como o jesuíta catequizador, os bandeirantes, rebeldes como Tiradentes não conseguiram ser a figura mítica que os escritores imaginavam. O índio, na sua natureza, na sua estética, logrou sucesso.

O indianismo e a exaltação da figura do índio, representante nacional foram pensados antes da obra “O Guarani” ser escrita. Alencar discutiu a questão do índio, debateu-a nos jornais através das “Cartas de Ig”, associando o enaltecimento da figura do indígena ao elogio da terra brasileira, como se pode notar:

Digo-o por mim: se algum dia fosse poeta, e quisesse cantar a minha terra e suas belezas, se quisesse compor um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas ideias de homem civilizado. Filho da natureza, embrenhar-me-ia por essas matas seculares: contemplaria as maravilhas de Deus, veria o sol erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslizar-se no azul do céu; ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e solene das florestas. (ALENCAR, 1856, p. 15)

Alencar não quis escrever um poema ou uma epopeia sobre o indígena. Alencar criticou o gênero:

Escreveríamos um poema, mas não um poema épico; um verdadeiro poema nacional, onde tudo fosse novo, desde o pensamento até a forma, desde a imagem até o verso. A forma com que Homero cantou os gregos não serve para cantar os índios.

Neste trabalho, apresentou-se trechos da obra “O Guarani”, nos quais a linguagem característica de Alencar prevalece.

Considerou-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado ao se demonstrar o destaque da figura de Peri no decorrer do romance. Peri foi descrito como o estereótipo do herói indígena e a obra conta a saga desse herói.

Alencar coloca nas atitudes de Peri uma vocação para o sacrifício, mas que enaltece o indígena perante o homem branco. Os habitantes de Paquequer aprendem a ver em Peri a nobreza, a virtude, não a submissão, como alguns críticos aventaram.

Ao finalizar-se este trabalho de conclusão de curso, houve uma reflexão a partir da observação do indígena na obra “O Guarani” e uma comparação com as ideias de Rousseau (apud LEOPOLDI, 2002).

Peri é o estereótipo do “bom selvagem”, do homem natural, que vivia na natureza, em núcleos sociais cujas atividades, organização e governo não eram regulados por pactos, pelo egocentrismo. Eram assim os primeiros habitantes do Brasil.

Infelizmente, esse tipo natural recebeu os impactos da colonização, das modificações do cenário humano e ambiental, forçado a estabelecer convivência com o homem branco, cada vez mais em um número maior.

Conforme Rousseau (apud LEOPOLDI, 2002):

Constrói-se, assim, a ponte através da qual o bom selvagem deixa o estado de natureza para se encaminhar com passos cada vez mais determinados e menos felizes para a sociedade civil, como a presa atraída pela isca sedutora penetra na armadilha da qual não mais escapará. Com todas as modificações, as condições para a vivência em coletividade o homem passa a desfrutar as vantagens que decorrem da soma de esforços em torno de objetivos e interesses comuns. Compromissos, alianças, amizades concorrem para multiplicar a capacidade humana de melhorar as condições de subsistência e aumentar cada vez mais o bem-estar dos indivíduos. Mas essa conquista traz embutida a semente do infortúnio humano que brota necessariamente da vida em sociedade. Então, num movimento aparentemente paradoxal, o homem primitivo vai mergulhando cada vez mais profundamente nas águas da sociedade, contaminadas pelos germes das paixões desenfreadas que sufocam suas qualidades naturais e irremediavelmente o empobrecem e infelicitam. (LEOPOLDI, 2002, p. 5)

Nota-se que não existe mais o indígena retratado por Alencar. Não há mais o índio herói como Peri. Apesar das sociedades indígenas atuais tentarem resguardar os direitos de todos seus integrantes de modo igualitário, possuem lideranças e normas e a relação torna-se mais densa.

A obra estudada para este trabalho de pesquisa é simples, como deveria ser o romance para os leitores da época, mas leva ao sonho e à reflexão.

Foi gratificante fazer a análise da linguagem de Alencar no enaltecimento do indígena. “O Guarani” demonstra o comprometimento do escritor com a edificação da identidade brasileira pela elevação simbólica do índio à condição de representante de uma dada nacionalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José. **O Guarani**. São Paulo: Martin Claret. 2009.

\_\_\_\_\_. **O Guarani**. São Paulo: Martin Claret. 2012

\_\_\_\_\_. **Cartas sobre a Confederação dos Tamoios**. Disponível em [https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4642/1/001758\\_COMPLETO.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4642/1/001758_COMPLETO.pdf). Acesso em 20 de dezembro de 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013

CANDIDO, Antônio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Vol.II.São Paulo: Editora Global.1969

FLORES, Rosana Favaro. “**Análise da obra O Guarani sob o enfoque da estética da recepção**”.

GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. – 4.ed. – São Paulo: Martin Claret, 2012

GOLDEMBERG, Deborah. “**Os índios na literatura clássica e contemporânea brasileira**” Disponível em: <http://saopaulo.com/bros-indios-na-literatura-classica-e-contemporanea-brasileira> Acesso em 10 de novembro de 2017.

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. Gonçalves Dias e a procura da identidade brasileira. *Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*, v. 2, n 2, p. 371-400, nov, 2013.Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/viewFile/3589/2837> Acesso em 10 de dezembro de 2017.

GUINSBURG, J. **Fundamentos Históricos do Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KAUSS, Vera. **Figurações do mestiço indígena latino-americano em Marabá, de**

**Gonçalves Dias e Tabaré, de Juan Zorilla de San Martín.** Revista Magistro, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas: UNIGRANRIO, v. 1, n 1, p. 30-41, 2010.

KLÉBIS, Daniela. **“Os Românticos e o projeto de nação brasileira”.** 2015. Disponível em: <http://pre.univesp.br/projeto-de-nacao-brasileira#.WYz5odKGPIU>

LEOPOLDI, José Sálvio. **Rousseau - estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas.** Revista ALCEU/PUC-RJ. v.2. n.4. p. 158 a 172 - jan./jun. 2002

MOISES, Massaud. **História da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2012.

REDAÇÃO. **“O Guarani” - Análise da obra de José de Alencar”.** 2017. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-guarani-analise-da-obra-de-jose-de-alencar/>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

SANCHES, Rafaela. O indianismo sob a ótica de Gonçalves Dias e José de Alencar: **tradição ou ruptura.** (Dissertação). Letras – IBILCE. 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura Brasileira.** 10ªed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.